



Publicado em 26/12/2025 - 09:58

Quando o câncer deixa de ser só uma doença e vira uma crise humana

Presidente do Instituto Oncoguia alerta para as toxicidades invisíveis na jornada dos pacientes oncológicos - e o que pode mudar com nova política nacional

Por Luciana Holtz*

Quando o câncer deixa de ser só uma doença e vira uma crise humana Quando o câncer deixa de ser só uma doença e vira uma crise humana Quando o câncer deixa de ser só uma doença e vira uma crise humana

Imagine receber um diagnóstico de câncer numa quarta-feira comum. No mesmo dia, você precisa entender exames, avisar a família, reorganizar o trabalho, lidar com o medo e, muitas vezes, descobrir como vai pagar pelo tratamento ou sequer como chegar até ele.

Agora imagine atravessar tudo isso sem informação e sem se sentir ouvido. Essa é a experiência de milhões de pessoas no mundo hoje. E não é por falta de tecnologia. Pelo contrário.

Um relatório recente publicado pelo The Lancet Oncology — uma das revistas científicas mais respeitadas do mundo — acendeu um alerta global: estamos vivendo uma crise humana no cuidado com o câncer.

Nunca tivemos tantos avanços científicos, medicamentos modernos e exames sofisticados. Ainda assim, pacientes relatam solidão, invisibilidade e exaustão emocional ao longo do tratamento.

O paradoxo do câncer moderno

O relatório revela um paradoxo inquietante. Enquanto a ciência avança rapidamente, aspectos básicos do cuidado humano seguem negligenciados: comunicação clara, apoio emocional, escuta qualificada e organização da jornada

do paciente.

O câncer não afeta apenas o corpo. Ele atravessa o tempo, o dinheiro, o trabalho, os relacionamentos e a saúde mental. Ainda assim, esses impactos raramente entram na conversa entre pacientes, profissionais e sistemas de saúde.

Em países ricos ou pobres, uma sensação se repete entre quem enfrenta a doença: “Eu virei um número dentro do sistema.”

Os custos invisíveis que ninguém conta

Além dos efeitos colaterais mais conhecidos, existem outros — silenciosos — que mudam profundamente a vida das pessoas.

O impacto financeiro do câncer desorganiza famílias inteiras. O tempo perdido em filas, deslocamentos longos e esperas intermináveis consome energia física e emocional. A solidão, mesmo cercado por consultas e exames, se torna parte da rotina.

O The Lancet chama atenção para essas “toxicidades invisíveis” e defende que elas deveriam pesar tanto quanto exames e protocolos nas decisões sobre o tratamento. Cuidar do câncer sem olhar para esses fatores é tratar a doença, mas ignorar a pessoa.

O Brasil dentro dessa crise

No país, essa crise humana ganha contornos ainda mais duros. Pacientes enfrentam atrasos no diagnóstico, dificuldade para acessar tratamentos, longas distâncias até os serviços de saúde e uma enorme confusão de informações. Muitos não sabem quais são seus direitos, nem a quem recorrer quando algo dá errado.

Ao mesmo tempo, profissionais de saúde trabalham sob enorme pressão, em sistemas que priorizam metas, números e produtividade, muitas vezes sem espaço para escuta e cuidado.

O resultado é um modelo que até funciona do ponto de vista técnico, mas que frequentemente falha em acolher.

Uma oportunidade concreta de mudança

O alerta feito pelo The Lancet chega ao Brasil em um momento decisivo. A nova Política Nacional de Prevenção e Controle do Câncer (PNCCN) traz, de forma mais clara, a ideia de cuidado integral, contínuo e centrado na pessoa. Ela reconhece que enfrentar o câncer não se resume ao tratamento em si, mas envolve prevenção, diagnóstico oportuno, organização da rede, cuidados paliativos, reabilitação e apoio psicossocial.

Se bem implementada, a PNCCN pode ser uma ponte entre o alerta global e a realidade brasileira, ajudando a transformar um sistema fragmentado em uma jornada mais humana, coordenada e justa.

Mas políticas públicas não se transformam em cuidado sozinhas. Elas precisam sair do papel, ganhar financiamento, gestão, monitoramento e, acima de tudo, compromisso com as pessoas.

O que esperamos para 2026

Talvez você nunca tenha passado por um tratamento oncológico. Mas é muito provável que conheça alguém que já passou ou que ainda vai passar.

Meu desejo para 2026 é que a nova Política Nacional de Prevenção e Controle do Câncer já esteja fazendo diferença real na vida das pessoas: encurtando caminhos, reduzindo angústias e devolvendo dignidade à jornada de quem enfrenta a doença.

Que o cuidado com o câncer no Brasil deixe de ser apenas correto no papel e passe a ser verdadeiramente humano na prática.

* Luciana Holtz é psico-oncologista, fundadora e presidente do Instituto Oncoguia

<https://veja.abril.com.br/saude/quando-o-cancer-deixa-de-ser-so-uma-doenca-e-vira-uma-crise-humana/>

Veículo: Online -> Site -> Site Veja